

**Antônio Narciso Ferraz Junior | Erika Regina de Souza
Maria Aparecida da Silva | Valéria Custódio de Carvalho**

apresentam:

HISTÓRIAS do PROEJA

entrevistas com:

**Alexandra Silva | Bruno Mazzola
Elisabete dos Santos | Fernanda Corrêa
Marcelo Moreno**

Apresentação

Este livro traz entrevistas com dois professores, duas alunas e uma ex-aluna (e atual funcionária) do PROEJA do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Caraguatatuba.

Esperamos que o leitor possa assim conhecer um pouquinho os percursos (incluindo os momentos marcantes e as dificuldades) dos entrevistados e, por meio deles, o próprio PROEJA, curso que oferece a jovens e adultos a possibilidade de retomar os estudos, concluindo o Ensino Médio ao mesmo tempo em que recebem a formação necessária (e o diploma) para atuarem como técnicos em Administração.

As entrevistas e a edição final dos textos foram realizadas pelos alunos Antônio Narciso Ferraz Junior, Erika Regina de Souza, Maria Aparecida da Silva e Valéria Custódio de Carvalho, durante o segundo semestre de 2023, no âmbito da disciplina Língua Portuguesa e Literatura 4 do PROEJA. A supervisão foi do professor Alvaro Magalhães Pereira da Silva.

Desejamos uma boa leitura!

Os autores.

Sumário

MARCELO MORENO	7
ELISABETE DOS SANTOS	15
FERNANDA CORRÊA	19
ALEXANDRA SILVA	33
BRUNO MAZZOLA	37



Marcelo Moreno

- professor de Matemática -

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - Gostaria de saber se você está no PROEJA de Caraguatatuba desde o início.

MARCELO MORENO - Sim. Eu entrei no Instituto Federal de Caraguatatuba há sete anos, mais ou menos. Então, eu entrei antes mesmo de o PROEJA existir.

AUTORES - Então você viu o nascimento do PROEJA e hoje vê as pessoas já fazendo faculdade?

MARCELO - Sim, eu fui presidente da comissão que elaborou o PPC [Projeto Pedagógico do Curso] do PROEJA.

AUTORES - E quais as dificuldades que você encontrou para ensinar as pessoas que estão

HISTÓRIAS do PROEJA

afastadas da sala de aula há muito tempo, às vezes há 25 anos, e que voltam a estudar do zero.

MARCELO - É, essa é a principal dificuldade porque o pessoal esqueceu... Alguns esqueceram, outros nunca aprenderam o conteúdo do Ensino Fundamental, e a gente tem que seguir o conteúdo do Ensino Médio. Então, tem que fazer quase um milagre, pegar um pouco do Fundamental e tentar recuperar tudo. Por isso, tem que ter um nivelamento, fora do horário de aula. Até tem, mas os alunos não vêm.

AUTORES - E o que você faz para auxiliar os alunos - alguns mais novos e outros mais velhos - que, com tantos problemas, têm de conseguir entender os assuntos difíceis como os de Matemática.

HISTÓRIAS do PROEJA

MARCELO - O que você falou é uma coisa importante. Na mesma sala, tem gente de 18 anos que terminou o Ensino Fundamental há pouco tempo e tem gente que faz 20 anos que não estuda. É misturado, tudo junto. Isso é uma dificuldade porque os mais jovens ficam lá conversando, costumam estar menos interessados. E os mais velhos estão super interessados, mas têm muita dificuldade, porque já têm outras responsabilidades, têm problema com a família. E esqueceram também, né? Então, esse é um grande desafio. Tem de conciliar as duas coisas.

AUTORES - Dá para ver que, em relação a outros professores, que entram a cada dia no curso, você conhece bem de perto a história do PROEJA.

HISTÓRIAS do PROEJA

MARCELO - Sim. E tive também experiência no EJA [modalidade de educação de jovens e adultos que, diferentemente do PROEJA, não é integrado a Cursos Técnicos] em outras escolas. Mas, apesar das dificuldades, tem uma grande vantagem: é muito melhor do que dar aula para os adolescentes porque os alunos do PROEJA têm vontade de aprender, têm vontade de superar suas dificuldades. Isso aí é compensador para qualquer professor, é maravilhoso dar aula para o PROEJA porque todo o professor quer dar aula para quem quer aprender.

AUTORES - Que ótimo ouvir isso, pois existem pessoas que desvalorizam o PROEJA, que pensam que quem está no PROEJA deveria ter aproveitado quando era jovem para estudar.

HISTÓRIAS do PROEJA

MARCELO - Sempre é tempo para estudar, sempre. Se eu fosse morrer amanhã, o que eu ia fazer hoje? Morrer hoje? Não. Eu ia continuar estudando para morrer amanhã. Estudar. Aproveitar o máximo da vida. Estudar é aproveitar a vida. Não importa se eu vou morrer amanhã. Ninguém sabe quando vai morrer. Então tem que estudar. “Ah, eu tenho 18 anos, eu tenho 16 anos, então não preciso estudar porque tenho a vida pela frente”. Você não sabe quando vai morrer. Ninguém sabe. Então, não importa a idade, importa é a vontade de mudar.

AUTORES - Foi muito importante essa colocação. Muito obrigado pela entrevista e que Deus o abençoe. É uma honra sermos alunos do PROEJA.

MARCELO - Muito obrigado. Escreva aí. Tem que ter o PROEJA porque a ausência de estudo dos adultos é

HISTÓRIAS do PROEJA

uma ferida social. Essas pessoas, muitos desses adultos foram expulsos da escola pela situação social injusta a qual foram expostos, estão sendo expostos. Muitos tiveram que trabalhar, outros não tiveram condições de estudar, outros moravam em lugar que não tem escola, outros estavam numa situação social tão terrível que nem iam para escola porque tinham uma estrutura familiar toda bagunçada. Ou seja, esse é um problema social que não deveria existir. Existe uma ferida social e nós temos a obrigação de sanar, de curar essa ferida. Então, esse é o papel fundamental do PROEJA: atender as pessoas que mais precisam para que todos tenham a mesma oportunidade.



Elisabete dos Santos

- aluna do 6º módulo -

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - Você está no PROEJA desde o começo do oferecimento do curso, certo? Como foi sua entrada, como ficou sabendo?

ELISABETE - Eu fiquei sabendo pela minha cunhada. Porque eu tinha feito a prova do Encceja [prova para receber o diploma do Ensino Médio] e, como eu reprovei nela, minha cunhada falou: “Olha, você pode fazer a inscrição no PROEJA para fazer Ensino Médio”. Então, fiz a inscrição. Era por sorteio e eu achei que eu nem ia passar. Só que acabou só tinha 40 pessoas inscritas. Então, todos foram selecionados. Aí, eu entrei.

AUTORES - E quais foram os momentos marcantes?

ELISABETE - É difícil, foram todos!

AUTORES - Mas houve algum momento de dificuldade?

HISTÓRIAS do PROEJA

ELISABETE - Não. Difícil só foi Matemática, Contabilidade. Tive muita dificuldade em Inglês também, no começo.

AUTORES - Você pensou em desistir?

ELISABETE - Não, nem por um momento. Eu reprovei, mas foi por falta. Porque eu comecei a trabalhar na pandemia. Aí, eu chegava muito atrasada, acabei reprovando um semestre. Mas eu não desisti e nem pensei em desistir em nenhum momento.

AUTORES - E o que o PROEJA representa na sua vida?

ELISABETE - Bom, é bastante, né? Porque é uma oportunidade para ser alguém mais capaz, fazer alguma coisa, depois de quase 15 anos sem estudar, né? O PROEJA representa uma mudança de vida.

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - Você está terminando o curso. Como é saber que está prestes a se formar? Como você está se sentindo?

ELISABETE - Já estou com saudade. Depois desses anos, o PROEJA vai fazer muita falta.

AUTORES - Você pensa em fazer outro curso ou faculdade?

ELISABETE – Eu quero tentar entrar no IFSP em alguma coisa. Mas, se eu não conseguir, eu não vou parar, vou entrar em algum um outro lugar.



Fernanda Corrêa

- ex-aluna e funcionária -

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES – Você estudou no PROEJA e trabalha no Instituto Federal. O emprego veio antes ou depois do PROEJA?

FERNANDA CORRÊA - Foi depois. Eu consegui a inscrição aqui logo que eu vim do Rio. Eu falei: “Vou chegar em Caraguá e preciso trabalhar e estudar”. Para eu arrumar uma profissão melhor, eu precisava ter pelo menos o Ensino Médio completo, né? Então, eu fazia muitos cursos assim que cheguei. Aí, num desses cursos, eu conheci uma coordenadora que me indicou o Instituto Federal. Ela falou para mim: “Fernanda, vai lá que a inscrição está aberta”. Fui ao IF e vi que tinha 40 vagas. Então, eu fiquei toda feliz. Falei: “Vou estudar no Instituto Federal”. Fiquei toda animada.

Fiz minha inscrição, mas meu esposo foi mandado embora do serviço acho que duas semanas antes de eu saber que tinha sido aprovada. Ele trabalhava na

HISTÓRIAS do PROEJA

Queiroz Galvão [construtora com atuação na cidade]. Então, eu fiquei mais de uma semana chorando não porque eu ia voltar para o Rio, mas sim porque eu ia sair do Instituto Federal. Eu não ia nem conseguir estudar.

Contei minha história para o professor César [Ilodio], que fazia as entrevistas [com os alunos inscritos]. Que eu tinha vindo do Rio, que eu estava aqui, que eu queria melhorar de vida, mas eu precisava do meu Ensino Médio. E eu estava preocupada porque meu esposo tinha ficado desempregado e aqui a gente pagava aluguel. Como que eu ia fazer sem emprego aí? Como que eu ia fazer? Aí o professor chegou para mim e falou assim Fernanda: “Fica tranquila, o que você precisar, você pode contar comigo”. Aí, eu chorei muito porque eu queria muito estudar aqui, né? Eu falo que o IF não abriu uma portinha, escancarou uma porta para mim. Então, eu chorei

HISTÓRIAS do PROEJA

muito mesmo. Depois de ele conversando comigo, eu falei: “Então, vamos deixar acontecer e ver no que vai dar”.

Deixei acontecer. Comecei a estudar: vim na primeira semana, ainda não estava trabalhando aqui. Vim para as aulas, tudo bonitinho, fiquei um ano presencial. Eu ficava pedindo serviço para um e para outro, né? Nem que fosse para varrer a rua. Não queria sair do PROEJA. Aí, teve um curso de panificação e eu conheci a líder que era da limpeza. Perguntei a ela se aceitava currículo e ela falou que estava pegando currículo. Coloquei o meu currículo e fui selecionada.

Foi tudo de bom que aconteceu na minha vida: eu fazer o PROEJA e ainda trabalhar. Logo depois veio a pandemia. Ficamos dois anos online, mas continuei a minha trajetória, estudando. Não foi fácil. Mas continuei na batalha.

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - Então o professor Cesar te estimulou a não desistir?

FERNANDA - Sim. Mas também vários outros professores me incentivaram bastante. O professor Marcelo Moreno é um deles, a professora Tânia, a professora Marlete, o professor Marcelo Hatugai, o professor Ernesto, com quem aprendi muita coisa e ainda estudo com ele. Da maioria dos professores que me deram aula, eu gostei. Eles me incentivaram a não desistir, porque tinha época que dava vontade de parar, de desistir. Não era fácil, mas mesmo com a pandemia, eu continuei.

AUTORES - Quais foram os momentos mais marcantes do PROEJA?

FERNANDA - Eu tive um professor muito especial. Ele faleceu, o professor Rodrigo [Santos]. As aulas dele

HISTÓRIAS do PROEJA

eram muito boas. Era um professor que parecia doidinho, mas era um ótimo professor. No Carnaval - eu me lembro como se fosse hoje -, ele deu aula de peruca rosa para a gente. Na aula de empreendedorismo, a turminha toda foi, com ele e com o professor César, para o Empreenda Caraguá [evento de empreendedorismo da cidade]. Esse dia ficou marcado na nossa vida. Eu só não aproveitei mais, porque a gente ficou só um ano presencial, né? Os outros dois anos foram online. Então, o primeiro ano que me marcou mais.

AUTORES - O professor Rodrigo faz muita falta, né?

FERNANDA - Bastante. O professor Rodrigo me incentivou muito, me ajudou bastante porque a gente tem que cumprir horas complementares

HISTÓRIAS do PROEJA

[horas de atividades extras] para concluir o curso. Foi ele que me ajudou nisso.

AUTORES - Ele foi muito importante para a história do PROEJA.

FERNANDA - Sim, muito, muito. Ele ficava feliz, ficava doido para poder pegar pessoas para jogar no PROEJA, para ter oportunidade de estudar. E ele ficava sempre incentivando, jogava a gente para cima, falava coisas boas, animadoras. Dizia para a gente nunca desistir e continuar.

AUTORES - Qual foi o momento mais difícil?

FERNANDA - Teve vários momentos difíceis. Em relação ao estudo, teve muitos. Por exemplo, matérias como Contabilidade. A gente sofria muito.

HISTÓRIAS do PROEJA

Quando entrou a pandemia, também ficou muito difícil porque a gente teve que estudar sozinha, né? Foram muitos colegas que desistiram. Mas a motivação que os professores passavam não deixava a gente desistir. E a vontade de querer mudar era maior.

AUTORES - **Você pensou em parar em algum momento?**

FERNANDA - Eu tive muita dificuldade nas matérias, reclamava demais. Os professores falaram que eu era muito chorona. Mas, sobre eu falar de parar, de ter vontade de parar, não. Eu sentia muita dificuldade, mas, quando eu tinha dificuldade, ia atrás. Chorava, mas vontade de parar, não. A minha vontade maior era de pelo menos terminar o Ensino Médio.

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - O que o PROEJA representa na sua vida?

FERNANDA - Tudo. É uma oportunidade muito grande que eu tive, depois de 20 anos sem estudar, eu conheci e tive a oportunidade de estudar no PROEJA. E na melhor instituição que tem, que é o Instituto Federal daqui de Caraguá, né? Então, foi tudo para mim. Por isso que eu falei: [o PROEJA] não abriu uma portinha, escancarou uma porta.

É para sempre pedir força e agradecer a Deus. Eu dou o maior apoio para quem está fazendo ou quer fazer. Porque a gente tem que acreditar no nosso sonho. E a gente é capaz, sim. Depois de 20 anos, eu achava impossível para mim... com uma certa idade, estudar né? O PROEJA veio para mudar a minha mente, eu mudei muito desde o começo até agora. Mudei bastante.

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - E agora você está cursando o Ensino Superior?

FERNANDA - Sim, estou fazendo a faculdade de Processos Gerenciais [PG]. Estou no quarto semestre, mas eu fiz um semestre de Física. Vou contar um pouquinho como foi. Quando terminei o PROEJA em 2021, eu achei que para mim já estava suficiente, eu já tinha concluído o Ensino Médio. Mas eu falava: “Se eu fizer alguma faculdade, seria na área da administração, porque eu fiz a de Técnico em Administração”. E apareceu no IF vagas remanescentes. Não tinha para Processos Gerenciais, tinha para Física. Então, eu fiz um semestre de Física para poder conseguir entrar em PG. Agora, estou no quarto semestre de PG. Vou fazer o quinto e sexto e depois voltar para o primeiro, pois o primeiro eu não fiz. E estou aí, na luta.

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - E como é essa história de vaga remanescente?

FERNANDA - Às vezes aparece vaga remanescente, né? Quando sobra vaga, eles lançam um edital. Aí eu fiz a inscrição, foi sorteio. Eu não sei, acho que foram 18 pessoas. Coloquei meu nome e falei: “Ah, se aparecer, eu vou entrar”. Mas não estava muito animada, não. Quando eu fiquei sabendo, fui uma das primeiras selecionadas. Era para eu fazer faculdade.

Eu gostei da Física, mas não fiquei na Física porque tem que ter muita dedicação, muito tempo. E eu não tenho, né? Eu trabalho, tem hora que é muito cansativo. Então, eu pulei para o PG.

AUTORES - E como está sendo cursar PG?

HISTÓRIAS do PROEJA

FERNANDA - [Risos] Vou ser sincera: não é fácil. Tem dia que parece que eu vou enlouquecer. Mas tem dia que eu estou bem. Fico feliz de vir. Tem que ter muita força, muita determinação, muito querer. Porque, se você não fizer isso, você não segue em frente. Fácil, não é. Mas a gente consegue. Só ter força determinação e, primeiramente, confiar e colocar sua vida na mão de Deus.

AUTORES - Deixe um recado para quem está começando agora.

FERNANDA - Não desista. Persista. Não é fácil, eu sei porque eu passei por isso. Mas vocês conseguem, como eu consegui. Tem que ter muita força e continuar, não deixar o sonho morrer. Então, pelo PROEJA, termina o Ensino Médio e, quem sabe, faz uma faculdade porque a gente pode, sim. Só confiar

HISTÓRIAS do PROEJA

em Deus e em nós mesmos. E dar valor a essa instituição, porque é um privilégio fazer um curso como o PROEJA, ainda por cima no Instituto Federal. Eu dou o maior apoio.



Alexandra Silva

- aluna do 6º módulo -

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - Você está no último mês do seu curso. Como foi o seu percurso no PROEJA? Você teve de parar alguma vez?

ALEXANDRA DA SILVA - Fiz direto. Não parei nenhuma vez, nenhum semestre. Foi tudo direto até agora, até o final.

AUTORES - Você teve alguma dificuldade?

ALEXANDRA - Dificuldade a ponto de parar, não. Mas eu tive bastante dificuldade, principalmente porque fazia 20 anos que eu tinha parado de estudar. E tem matéria que é bem difícil, né? Principalmente Contabilidade e Matemática. Logicamente, isso depende da pessoa, mas a minha dificuldade foi nessas matérias.

AUTORES - E qual o professor que você mais gostou? O que você acha que tem a cara do PROEJA?

HISTÓRIAS do PROEJA

ALEXANDRA - Ah, todos eles marcaram minha vida. Cada um, um pouquinho. Mas um professor muito marcante foi o professor Rodrigo [Santos, que foi coordenador do curso], que faleceu. Eu tive dois ou três semestres com ele. Mas todos os outros professores também marcaram minha vida.

AUTORES - E qual é a importância do PROEJA para você?

ALEXANDRA - O importante é que foi o modo de a gente aprender, claro. E de a gente crescer na vida, né? Para a gente ter uma melhora, um trabalho bom, uma expectativa de, de repente, fazer uma faculdade boa também.

AUTORES - E agora, que você está finalizando o curso, o que vai fazer?

HISTÓRIAS do PROEJA

ALEXANDRA - Eu já estou com saudade. Eu fiz o Enem e estou pensando em fazer outro curso no IFSP ou em outra faculdade.

AUTORES - E como foi fazer o Enem?

ALEXANDRA - A primeira vez que eu fui fazer a prova, no ano passado, nossa!, eu fiquei com medo. Mas, agora, foi tão tranquilo... porque eu estava estudando. Teve muita coisa, muita matéria que caiu no Enem que eu já tinha visto. E aí você vê que, nossa!, não é um bicho de sete cabeças. Nessa segunda vez, foi muito, muito tranquilo. Eu gostei muito de ter feito.



Bruno Mazzola

- professor de Administração -

HISTÓRIAS do PROEJA

AUTORES - Qual é sua formação?

BRUNO MAZZOLA - Minha primeira formação é Administração. Depois, fiz Pedagogia, fiz Mestrado e Doutorado em Administração. Tive outras formações que eu não terminei: Cenografia, Análise de Sistemas... Agora, estou fazendo Arquitetura e Matemática. Licenciatura em Matemática.

AUTORES - Como começou sua ligação com o PROEJA?

BRUNO - Foi com a primeira turma, o primeiro ano [de oferecimento do curso, em 2019]. Comecei dando aula no PROEJA e não tinha nem muita visão do IF [Instituto Federal]. Não tinha muito entendimento do que era o IF, mas tinha que dar aula. Meu vínculo com o PROEJA acho que se acentuou no ano passado, principalmente depois do

HISTÓRIAS do PROEJA

segundo semestre, quando o Rodrigo, que era o então coordenador, excelente coordenador, excelente profissional, excelente pessoa, um amigo... teve que se ausentar [o professor Rodrigo se afastou para tratamento de saúde em 2022 e veio a falecer no primeiro semestre de 2023] e eu assumir o lugar dele assim a toque de caixa, né? Veio lá [da Direção do IF]: “Bruno, você assume o PROEJA?”. Eu falei “sim” e assumi a coordenação, algo que eu não estava muito acostumado, junto com a reformulação do curso.

AUTORES - E você já era próximo do Rodrigo antes do PROEJA?

BRUNO - É... A gente começou como colegas profissionais, porque eu não sou daqui, não o conhecia antes de trabalhar aqui, e daí nesse

HISTÓRIAS do PROEJA

convívio... ele era uma pessoa muito... de um coração enorme, gigante... De colegas profissionais, viramos amigos profissionais... até amigos pessoais. Não de frequentar casa um do outro, né? Na verdade, até frequentei um pouco a casa dele, mais para o final. Mas eu saía muito, né? Saía às quintas-feiras, às sextas-feiras para tomar cerveja, bater papo, jogar sinuca... E ele era uma pessoa com quem eu tinha um alinhamento ideológico, um alinhamento de princípios, de valores, de ideias, de orientações políticas. Nessas saídas, eu me divertia bastante com ele.

AUTORES - Qual a importância do PROEJA para você?

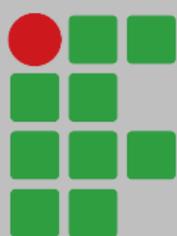
BRUNO - O PROEJA vem com esse movimento que a gente está tendo de maior inclusão, de tentar

HISTÓRIAS do PROEJA

diminuir essa desigualdade social enorme que temos no mundo. E no Brasil. Essa enorme desigualdade social em que claramente tem a classe de pessoas mais privilegiadas, que são uma minoria, e um imenso grupo de pessoas que vive numa condição de exploração. Ou até de alienação e ignorância dos seus direitos e condições. Então, o PROEJA, com o EJA de um modo geral, tem a importância de trazer dignidade para as pessoas. Trazer a possibilidade de uma educação formal de qualidade. E trazer essas pessoas para serem incluídos numa sociedade... não só uma sociedade do consumo, mas uma sociedade de pessoas conscientes dos seus deveres, dos seus direitos. Com atuação em aspectos políticos. Não estou falando de ser candidato, mas de enxergar o seu papel no mundo, o seu potencial e a sua capacidade de ação no mundo. O PROEJA, quando alia um Ensino Médio de qualidade, como é

HISTÓRIAS do PROEJA

oferecido no IF, com uma formação profissional, visa tentar recuperar, de acelerar um processo para a pessoa que deixou de estudar. E dar a ela, em só três anos, uma outra visão de mundo, de conhecimento, de conceitos, de raciocínio crítico, de análise crítica. De se empoderar como ser capaz de se transformar e, ao se transformar, transformar a sociedade como um todo.



**INSTITUTO
FEDERAL**
São Paulo

CARAGUATATUBA - SP
NOVEMBRO/2023